A casa vazia

Entrei naquela casa, quase se ouvia o eco dos passos de tão vazia que estava. Está carregada de objectos, com várias formas e de várias cores, com significados distintos.
E as recordações? Oh, são mais que muitas. Podia perder horas, dias, semanas… O tempo seria sempre pouco para contar tantos momentos lá passados.
Mas ainda assim aquela casa estava vazia. Vazia de vida.
Pedia, ansiosa, por um regresso ao passado – assim em jeito de passos largos para não demorar muito a chegar – ou por um regresso de alguém – que foi e será sempre uma das personagens principais –, mesmo sabendo que a primeira situação era impossível, e a segunda... Bem a segunda não era complicada mas esse seria um regresso digamos que a meio gás, a meio folgo. Não deixava de ser bom mas parecia que não tinha os ingredientes todos…
Estava triste. A casa onde passei já tantas horas estava agora triste, e também ela envelhecida.
Aquela casa, que acolheu tantos grandes momentos de cumplicidade, que viu nascer grandes obras, que foi palco de um amor, ou vários… Aquela casa, onde tantas vezes sonhei acordada, onde tantas vezes me senti acolhida…
Tantos almoços em família na sala de jantar, agora quarto por motivos de mobilidade, e tantos almoços e lanches e jantares na cozinha, que está na mesma desde sempre.
Os velhotes tinham cada um o seu lugar e a sua cadeira, cada um as suas manias. O avô bebia sempre Sumol de laranja, e mais tarde passou a beber sempre água; da avó sempre me lembro de beber aquele líquido amarelado, quase fluorescente, que era para a pedra nos rins.
E eu adorava ver como eram tão diferentes e tão iguais, e nunca fazia fitas para comer a sopa.
Mas envelheceu tudo. Aliás, todos nós, a cada dia que passa, envelhecemos um bocadinho.
Que aperto no coração me fica! Aquela casa perdeu a vida, qual castelo em ruínas.
A casa do nº16 da Rua da Misericórdia, Azinhaga. Sinto-a carregada de memórias, mas ainda assim vazia. De vida.

Mária Pombo